

Amanda Moura

Souto

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Contato:

amandasouto25@gmail.com

Daniel Vilhas

Mauricio da Silva

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Contato:

danielvilhas@gmail.com

Matheus Silva

Freitas

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Contato:

freitassmat@gmail.com

Palavras-chaves:

Gênero, sexualidade, sociologia, formação, experiências

Keywords:

Gender, sexuality, sociology, formation, experiences.

1 Essa pesquisa foi desenvolvida como parte prática da disciplina Laboratório de Ensino das Ciências Sociais II, ofertada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa (UFV) no segundo semestre de 2016. Agradecemos ao Professor Fabrício Roberto Costa Oliveira que foi orientador da pesquisa e contribuiu com a primeira revisão deste artigo. Agradecemos também ao colega de

As temáticas de gênero e sexualidade no ensino de Sociologia no Ensino Médio: uma análise das concepções de docentes da cidade de Viçosa/MG

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar uma análise do ensino das temáticas de gênero e sexualidade no Ensino Médio nas aulas de Sociologia na cidade de Viçosa/MG. Buscou-se fazer essa análise usando como meio de coleta de dados a realização de entrevistas com docentes de escolas públicas e privadas, levando em conta principalmente a formação acadêmica e a experiência pedagógicas desses/as docentes. A análise parte, desse modo, das concepções das/os docentes, refletindo sobre o papel da disciplina no ensino médio, considerando as temáticas citadas. Concluímos, a partir dessa pesquisa, que, no caso de Viçosa, expressou-se uma dificuldade dos/as docentes em tratar dos marcadores sociais da diferença, principalmente por causa de lacunas em sua formação.

Abstract: *This article aims to make an analysis of the teaching of gender and sexuality topics in the Sociology classes in High School education in the city of Viçosa/MG. The aim of this analysis was to use interviews as a means of collecting data from public and private school teachers, taking into account the academic background and pedagogical experience of these teachers. The analysis starts from the conceptions of the teachers, reflecting on the role of the discipline in secondary education, considering the themes mentioned. We conclude from this research that, in the case of Viçosa, it was expressed a difficulty for teachers to deal with the social markers of difference, mainly because of gaps in their professional formation.*

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa¹ que teve como objetivo compreender e analisar experiências pedagógicas e conhecimentos de docentes, explorando sua formação acadêmica acerca do diálogo dos temas de gênero e sexualidade com o ensino de Sociologia no Ensino Médio em escolas públicas e privadas de Viçosa/MG.

As relações de gênero e sexualidade se apresentam como necessárias em ser discutidas quando considerados os dados sobre a violência e discriminação contra as mulheres e as pessoas LGBT. Em 2015 foram registrados 318 assassinatos de pessoas LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans) no Brasil (Grupo Gay da Bahia, 2015). Isso significa, portanto, que a cada 27 horas uma pessoa LGBT morre em território brasileiro, vítima de violência LGBTfóbica.

De acordo com o Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil, em 2013 foram assassinadas 4.762 mulheres no Brasil, sendo que 50,3% dos assassinatos foram cometidos por familiares. É importante destacar que o número de mulheres brancas vítimas de violência diminuiu 9,8% e de mulheres negras aumentou 54% entre 2003 e 2013 (Waiselfisz, 2015).

Partimos aqui do pressuposto de que a criminalização da violência e da discriminação não é suficiente para a resolução do problema. É necessário refletir, antes de tudo, sobre uma educação que contemple o ensino das temáticas da diversidade sexual e de gênero. Nesse contexto, a realização dessa pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar ainda mais o debate em relação aos temas que envolvem as marcas sociais da diferença, o preconceito e a discriminação. Evidenciar as rela-

ções de gênero e sexualidade é, assim, uma maneira de denunciar modos de exclusão social e de pensar em uma sociedade multicultural e democrática (Madsen e Branco, 2015).

Através da análise das concepções de docentes obtidas por meio da realização de entrevistas, nossa contribuição consiste em ressaltar algumas dificuldades, limites e desafios com relação à discussão das relações de gênero e sexualidade no ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Metodologia

Para operacionalizar essa análise sobre gênero e sexualidade no ensino de Sociologia, participaram dessa pesquisa quatro docentes. Segundo o Censo 2010 do IGBE, em Viçosa, Minas Gerais, residiam 72.220 pessoas, e, segundo dados do Censo Escolar 2014, funcionam, na cidade, 13 estabelecimentos que oferecem Ensino Médio Regular, a saber, 7 escolas públicas e 6 privadas, que atendem um total de 3.404 estudantes (Anexo I).

Participaram de uma entrevista em outubro de 2016 três docentes de escolas públicas e uma docente de escola particular. A escolha dessas pessoas para serem entrevistadas teve como critério o fato de serem docentes de Sociologia que se graduaram na Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa. As quatro pessoas que entrevistamos, juntas, lecionam para cerca de 1.519 estudantes, de acordo com o Censo Escolar 2014. Esse número representa, portanto, uma parcela significativa das/dos estudantes de Ensino médio de Viçosa (aproximadamente 38%). A Tabela I demonstra a relação entre as/os docentes entrevistadas/os de acordo com a idade, o gênero, escolas que ministram aulas e o número de estudantes matriculadas/os

que são atendidas/os com a disciplina de Sociologia.

curso Willian Ander Costa Couto, que nos auxiliou com a realização de uma das entrevistas.

Tabela I – Docentes em relação à idade, gênero, escola e número de estudantes matriculados(as)

Docentes	Gênero	Idade	Escola	Nº de Estudantes Matriculados (as)
Docente 1	Feminino	26 anos	Escola Privada	61
Docente 2	Masculino	31 anos	Escola Pública Estadual	185
Docente 3	Feminino	30 anos	Escola Pública Estadual	465
Docente 4	Masculino	29 anos	Escola Pública Estadual	808
Total				1519

As entrevistas apresentam-se importantes ferramentas enquanto meio de captar as experiências referentes às práticas pedagógicas quando em diálogo com os temas de gênero e sexualidade no ensino médio.

Uma característica marcante do método qualitativo utilizado nesta pesquisa é a capacidade de reunir informações e criar uma compreensão aprofundada sobre as concepções das/os docentes entrevistadas/os acerca das temáticas de gênero e sexualidade, a partir do entendimento de que a entrevista consiste em um espaço de diálogo (Madureira e Branco, 2015), ou seja, se assemelha à fluidez de uma conversa natural. Para Mary E. Brenner, “entrevistas qualitativas têm por objetivo compreender os participantes em seus próprios termos e como eles dão sentido a suas próprias vidas, experiências e processos cognitivos.” (Brenner apud Yin, 2016, p. 118)

O roteiro de entrevista (Anexo II) apresenta as seguintes categorias: formação docente e contexto escolar; experiências pedagógicas; relações de gênero e sexualidade. A partir dessa fragmentação, analisamos as entrevistas relacionando-as com aportes teóricos que discutem as relações da educação com conceitos de gênero e sexualidade, a Sociologia no Ensino Médio, a formação docente, e apontamentos a respeito de diversidade e do preconceito no espaço escolar.

Conceituando gênero e sexualidade

As relações de gênero e sexualidade são produções sociais que se apresentam em instituições como a família, escola, trabalho e religião. Essas perspectivas constroem-se através da configuração das relações sociais. Para Joan Scott, o gênero indica as características sociais atribuídas a pessoas de diferentes sexos:

“[...] o termo “gênero” (...) é utilizado para designar relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm capacidade de dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma

de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.” (SCOTT, 1995, p. 75)

Já com relação à sexualidade, podemos compreendê-la não a restringindo uma perspectiva biológica/fisiológica, ou seja, um corpo que reproduz, engravida ou se previne. Podemos entender a sexualidade também como uma construção social que

“[...] se forma ao longo da vida, num processo contínuo e complexo, que articula aspectos biológicos/fisiológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos, e que pode ser vivenciada a partir de diferentes possibilidades em relação às orientações sexuais (hétero, homo e bissexualidade) e às identidades de gênero (percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme o convencionalmente estabelecido).” (CAMPOS, 2015, p. 2)

Estabelecemos aqui, portanto, que o uso do termo “sexo” revela uma demarcação biológica traduzida socialmente na dicotomia macho/fêmea, e “gênero”, na definição de Scott (1995, p. 86), constitui-se enquanto uma construção social baseada nas diferenças percebidas entre os sexos e também como uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Dito isso, podemos concluir que apesar de “sexo”, “gênero” e “sexualidade” se interrelacionarem, possuem diferenças fundamentais e cada qual tem a sua formulação enquanto uma categoria de análise ou de temática de ensino. Assim, sexualidade pode se referir a educação sexual, que aborda a anatomia corporal e as suas diversas formas de expressão fisiológica, sejam elas sexuais ou reprodutivas. Outra abordagem se refere à diversidade sexual, ou seja, às pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGB), uma dimensão do desejo, afeto e do prazer. As questões de gênero, por outro lado, se referem a identidades construídas biopsicossocialmente, isto é, que levam em conta fatores biológicos, subjetivos e sociais. Essas questões se desdobram, portanto, na maneira pelas quais as práticas sociais dos indivíduos se articulam para formar o que significa ser homem e mulher na nossa sociedade (Butler, 1990) – as performatividades, expressões de masculinidades e/ou feminilidades e relações de desigualdade socioeconômica fundadas nas diferenças sexuais e de gênero.

No contexto das entrevistas realizadas nessa pesquisa, constatamos que a Docente 1, quando

perguntada sobre o ensino de gênero e sexualidade, relaciona essas temáticas com outros assuntos, por exemplo, ética, empreendedorismo e cidadania.

“Aqui a gente pauta esses assuntos, porque a gente tem uma missão que é trabalhar essa questão da cidadania (...). A gente tem essa preocupação de formar a pessoa, o indivíduo que seja capaz de ter uma autonomia, de fazer suas escolhas mas que tenha consciência de que tem um papel na sociedade. Então aqui na nossa realidade específica é muito trabalhado esses valores, eu não diria valores, mas esses conceitos né? De um cidadão ético, empreendedor, de um cidadão autônomo e que entenda que a realidade social faz parte da vida dele e ele também é responsável por isso e faz parte desse processo também.” (Docente 1, Escola Privada)

Ao ser perguntada sobre o que pensa do tratamento dessas temáticas dentro do ambiente escolar, a Docente 3 fez menção à amplitude desses temas e alertou, em virtude disso, sobre a dificuldade de tratá-los. O docente 4, por sua vez, indicou para os conflitos resultantes da presença dessas diversidades na escola, apontando até mesmo para tensões nas relações estudante-docente em virtude dessa realidade. É importante perceber que ambas as pessoas entrevistadas (Docentes 3 e 4) não mencionam as especificidades e diferenças que gênero e sexualidade carregam.

“Acho um tema importantíssimo mas trata-se de um tema muito abrangente desde a violência contra a mulher, a temas como as questões LGBTs e demais minorias que sofrem com os abusos cotidianos.” (Docente 3, Escola Pública)

“A gente tem a diversidade dentro da escola, a escola segue a sociedade normalmente, só que debater esses temas para a maioria das vezes é complexo, e isso acaba que traz algumas consequências, por exemplo a gente tem alunos que se autodeclararam homossexuais mas que dentro da relação com o professor acaba se tornando um conflito por conta disso. Como identificação, como a forma como gosta de ser chamado. É uma coisa que ainda é um tabu pra ser discutido dentro da escola.” (Docente 4, Escola Pública)

Chama a atenção, neste aspecto, o Docente 2, que identifica essas especificidades e diferenças:

“São várias discussões, tem a presença do movimento feminista e suas conquistas, tem a perspectiva religiosa, também a questão política, toda uma conjuntura patriarcal que a gente tem aqui no Brasil, que é exatamente o machismo, de onde vem muitas vezes a resistência em debater, em discutir. E não pauta só a questão das mulheres, traz também a questão dos homossexuais, dos LGB-

Ts, toda uma bandeira que é desconhecida.” (Docente 2, Escola Pública)

É possível identificar uma dificuldade das Docentes 1 e 3 e do Docente 4 em reconhecer a diferença entre gênero e sexualidade, não os conceituando de forma explícita e abordando-os de maneira superficial. Madureira e Branco (2015) apontam que existe um grande impasse em refletir sobre as questões de gênero e sexualidade, pois os conceitos teóricos parecem distantes da realidade e restritos a um universo de conhecimento acadêmico – quando, na verdade, essas questões certamente fazem parte do cotidiano escolar e não escolar de estudantes do Ensino Médio, assim como fazem parte de toda a sociedade.

Papel da Sociologia no Ensino Médio

O ensino de Sociologia no ensino secundário brasileiro esteve fora ou foi opcional no currículo básico comum em vários momentos da história. Devido ao debate escasso e a intermitência da presença da Sociologia no Ensino Médio (Moraes, 2003), essa disciplina teve e tem dificuldades de se consolidar enquanto algo necessário para a formação histórica e social das pessoas.

A sociologia no currículo básico do Ensino Médio auxilia na construção de um modo de percepção crítica da realidade social, pois ela instiga um estranhamento das relações cotidianas. Nesse sentido, podemos estabelecer uma conexão com as ideias freirianas de educação. Embasado na pedagogia da pergunta, Paulo Freire (1996) aponta que o ato de questionar é a centralidade do desenvolvimento de um pensamento criativo e crítico. Ou seja, “[...] o ensino de sociologia e as propostas freirianas estabelecem íntima relação pois buscam a construção da criticidade indispensável à compreensão e intervenção na realidade social.” (PEREIRA, 2015, p. 262)

Desse modo, para buscar a criticidade nas reflexões do ensino de Sociologia, temos como apoio as diretrizes da segunda versão da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2015) que indicam as unidades curriculares de Sociologia no Ensino Médio que respaldam o ensino de gênero e sexualidade.

Assim, é importante mostrar que existe um ponto desse documento que versa sobre identificar a concepção de gênero como construção social, mas a questão da sexualidade não aparece de forma explícita. Há ainda uma diretriz (Brasil, 2015) que cita movimentos sociais e aponta movimentos por direitos de LGBTs. Podemos destacar, dessa forma, alguns aspectos:

“(EM31CH04) – Reconhecer a Sociologia como modo de desnaturalizar e estranhar estilos de vida, valores e condutas sociais.

(EM31CH07) – Identificar a concepção de gênero como construção social.

(EM31CH08) – Identificar como marcadores sociais as dimensões étnico-raciais, religiosa, regional, entre outras. [CIA]

(EM32CH05) – Identificar formas de preconceito, discriminação, intolerância e estigma.

(EM32CH06) – *Relacionar formas de discriminação e formas de manifestação de violência. [DHC]*

(EM32CH07) – *Reconhecer os Direitos Humanos como instrumento de combate a diferentes formas de violência. [DHC]*

(EM32CH09) – *Relacionar identidades coletivas e movimentos sociais.*

(EM32CH11) – *Analisar os movimentos sociais contemporâneos, tais como o feminista, os que militam pela igualdade racial, pela questão indígena, pelos direitos dos homossexuais, o ambientalista, entre outros. [CIA] [DHC]*

(EM32CH12) – *Pesquisar a realidade brasileira a partir da noção de diversidade sociocultural.” (BRASIL, 2015, p. 348-351)*

É possível perceber que grande parte das diretrizes citadas acima, presentes na segunda versão da proposta da Base Nacional Curricular Comum, se embasam em noções de diversidade sociocultural, direitos humanos, identidades coletivas, formas de preconceito, discriminação, intolerância e estigma, que estão essencialmente relacionadas ao debate sobre gênero e sexualidade.

Formação docente

Ao questionarmos as/os docentes sobre o contato com os temas de gênero e sexualidade na formação acadêmica na Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa, todas/os apontam para um conhecimento insuficiente sobre essas temáticas.

de acordo com a Docente 1, podemos entender que a discussão sobre gênero e sexualidade até aconteceu durante sua graduação, porém não teve um direcionamento à prática docente. Principalmente na licenciatura, que carece de exemplos concretos do cotidiano escolar (Madureira e Branco, 2015), para que a formação se torne mais significativa e gratificante.

“Sim, mas não tão específico para a parte profissional da coisa, a gente não tem por exemplo uma disciplina, ou dentro de laboratório de ensino mesmo, que a gente pudesse ter como que a gente trabalha esses assuntos dentro da sala de aula de forma mais efetiva. A gente tangencia os temas, a gente conversa sobre isso nos laboratórios, nas práticas e nos estágios, quando a gente começa a atuar. Mas eu não acho que é tão intenso, eu tive que de certa forma aprender fazer isso quando estava dentro da sala de aula de uma forma mais efetiva.” (Docente 1, Escola Privada)

Já o Docente 2 e o Docente 4 também informam sobre a dificuldade em trabalhar esses temas devido à formação, mas indicaram que através das disciplinas de Desigualdade Sociais e Movimentos Sociais, Semanas Acadêmicas, palestras, minicursos e do envolvimento ou do diálogos com colegas

participantes de movimentos sociais tiveram uma orientação mínima sobre as temáticas.

“Só tive uma disciplina de desigualdades sociais onde foi abordada a desigualdade de gênero, mas não específica, foi abordada entre outras desigualdades. O que acaba gerando uma formação deficitária para trabalhar esses temas. Tive que me virar, correr atrás para conseguir (...). Na universidade só tive acesso a esses temas através de seminários, semanas acadêmicas e pelo movimento estudantil.” (Docente 2, Escola Pública)

“Muito pouco, no processo de formação assim não me lembro nem de disciplinas, talvez a disciplina de Desigualdades Sociais ou de Movimentos Sociais um pouco. Mas não da forma que eu gostaria de dizer: consigo lidar plenamente com isso. Mas tive muitas colegas que participava de movimentos sociais e que dentro das conversas ali de grupos eu ia conseguindo captar alguma coisa pra me ajudar nesse contexto. Fiz alguns minicursos, participei de semanas acadêmicas, alguns debates pra tentar absorver um pouco mais.” (Docente 4, Escola Pública)

De acordo com os Docentes 2 e 4, podemos perceber dois aspectos: primeiro, a existência de duas disciplinas oferecidas no Departamento de Ciências Sociais da UFV, Desigualdades Sociais e Movimentos Sociais, que abordam as temáticas relacionadas a gênero e sexualidade; segundo, a importância dos movimentos sociais e das atividades complementares na formação docente.

Ao consultar a grade curricular de Ciências Sociais da UFV, constatamos que ambas as disciplinas, tanto na licenciatura quanto no bacharelado, são optativas. O programa analítico da disciplina Desigualdades Sociais (CIS430) apresenta que as aulas teóricas propõe, através análise das raízes históricas das desigualdades sociais no Brasil e suas persistências, um estudo das reações de grupos marginalizados e o papel de políticas públicas no reparo dos problemas sociais. Já a disciplina de Movimentos Sociais (CIS412) tem como objetivo o estudo dos novos movimentos sociais da Sociedade Contemporânea, os movimentos urbanos e rurais no Brasil, ações coletivas e redes sociais. Cabe destacar que em nenhuma das disciplinas o tema de gênero e sexualidade aparece como tópico obrigatório na discussão.

Além disso, no primeiro semestre de 2016 foi oferecida a disciplina de Tópicos Especiais em Ciência Política, que tinha como tema principal “Teoria política feminista: uma introdução”. De acordo com a ementa, a disciplina teve como objetivo discutir as contribuições da teoria feminista para a teoria política, relacionando o debate teórico com questões emergentes no Brasil e na América Latina. É importante destacar que essa disciplina foi ministrada por uma professora do Departamento de Ciências Sociais que tem experiência na área de Ciência Política, atuando principalmente na temática de gênero.

Percebemos, assim, a condicionante a que os temas de gênero e sexualidade estão sujeitos no

Departamento de Ciências Sociais da UFV, pois as temáticas somente são tratadas de maneira teórica e praticamente aprofundada quando uma/um docente é especialista no assunto e resolve ministrar uma disciplina de tópicos específicos de interesse da mesma/o. Assim, é possível que, caso aconteça alguma mudança no quadro de docentes, essas temáticas sejam ainda mais secundarizadas no espaço acadêmico.

Tanto o Docente 2 como o Docente 4 destacaram a importância de movimentos sociais e de atividades complementares (seminários, debates). É notável a participação do movimento feminista e LGBT nas esferas públicas com demandas para a área da educação, pois é dentro dos movimentos sociais que as vontades individuais se encontram formando uma ação coletiva e fazem emergir discussões e apontamentos sobre grupos marginalizados (Vianna, 2015).

A formação docente do professor de sociologia é, portanto, um assunto que necessita de maior discussão e debate, ainda mais quando considerado o papel da Sociologia no Ensino Médio, sobretudo no que diz respeito ao diálogo com as temáticas de gênero e sexualidade. De acordo com as entrevistas compreendemos que é de extrema relevância a existência de disciplinas que abarquem essas questões, além do papel essencial formação complementar, como, por exemplo, a participação nos movimentos sociais e atividades como seminários, minicursos, oficinas e debates.

Ambiente escolar e experiências pedagógicas

O que acontece no ambiente educacional é um retrato da nossa sociedade e, de acordo com Dayrell (2007), é difícil distinguir o dentro e o fora da escola, pois ela precisa ser vista como um espaço aberto a uma vida não escolar.

Assim, ao analisarmos as temáticas de gênero e sexualidade no ensino de Sociologia no Ensino Médio, também foi um dos nossos objetivos compreender como docentes percebem a emergência de gênero e sexualidade na comunidade escolar (docentes, estudantes e demais pessoas).

A hipótese que tínhamos a respeito dessa questão em especial era a de que o surgimento das questões de gênero e sexualidade no contexto escolar poderiam se dar de diferentes maneiras, desde a existência de casais homoafetivos até a quebra ou o reforço de padrões de gênero. Essas discussões aparecem na sala de aula, porém, de maneira diferente.

A Docente 1 nos relatou que não percebe situações escancaradas de preconceito no seu contexto escolar. Mas aponta que teve desafios por parte de estudantes ao trabalhar a questão da homossexualidade.

“Nossos estudantes são tranquilos, eu não diria que temos situações de preconceito, nunca vi situações ostensivas. Já tive algumas situações que vou pontuar que a gente teve desafios, prefiro colocar o termo

desafiador. Uma vez eu trabalhei sociologia e atualidades, discuti a questão da homossexualidade com uma turma do 3º ano e foi interessante que os alunos ficaram tão chocados, surpresos, porque a gente não vai trazer para eles aquela abordagem do senso comum, vamos trazer eles pra problematizar o assunto. E aquilo tão naturalizado pra eles, a visão sobre a homossexualidade do senso comum e foi se depararam com a visão crítica e chocaram. Uma turma em específico que os valores familiares eram muito fortes e aí nossa, chegou a um ponto que os alunos ficaram perplexos, estarecidos com a aula a ponto de descerem lá na coordenação e fazer reclamação a mim, teve até um movimento pra me tirar do cargo.” (Docente 1, Escola Privada)

Conforme descrito pela Docente 1, o aspecto central ao trabalhar essas questões é o tabu, a imagem da sexualidade como um “terreno perigoso”, “escorregadio” (Madureira e Branco, 2015, p. 585), pois trata-se de uma temática que envolve questionar crenças e pensamentos que sustentam preconceitos. Nesse sentido, entendemos que gênero e sexualidade são relações sociais que permeiam o cotidiano, de modo que, por vezes, são banalizadas, e talvez pelo convívio, não sejam questionadas (Mariano, Pizzi, Schimidt et al., 2012). Portanto, cabe ao ensino de Sociologia analisá-las enquanto um fenômeno social e não natural, criando condições para processos de reflexão sobre as concepções sociais.

Já a Docente 3 nos disse que as discussões de gênero e sexualidade foram iniciativas do grêmio estudantil. Vale destacar que no ambiente escolar a presença do movimento estudantil é importante como uma questão democrática. Como já mencionado, são os movimentos sociais que inserem pautas e demandas em grandes parcelas das discussões, por exemplo, nas temáticas de gênero e sexualidade.

“Percebo em alguns momentos (...) Por exemplo, existe na escola várias rodas de conversas organizadas por alguns alunos, ainda que poucos, do grêmio que trataram de discutir esse e outros temas.” (Docente 3, Escola Pública)

Para o Docente 2 e o 4, os temas aparecem relacionados com o termo “preconceito”. Enfatizando que no caso do Docente 2, as pessoas preferem não falar de situações de discriminação para não gerar incômodo.

“Eu vejo que tem ainda muito resquício entre nós mesmos, eu assumo que é muito difícil a gente abandonar e tem uma diversidade entre nós professores, mas as pessoas preferem não falar, “eu não tô gostando dessa brincadeira”, e aí é que tá o perigo, ela não fala que está acontecendo algo. Porque é preferível que ela não fique falando porque gera incômodo, porque aí você vai começar a perceber que você mesmo é homofóbico,

e ninguém quer ser homofóbico. Brasileiro é assim, tem vergonha de assumir essas coisas.” (Docente 2, Escola Pública)

“O preconceito está presente, por exemplo na forma como os alunos que se identificam como homossexuais ou preferem uma outra identificação fora dos padrões comuns, digamos assim. Eles sofrem sim um afastamento de alguns colegas, piadinhas. Isso tá presente no contexto da escola, eu até tento combater isso em sala de aula e tal, mas é muito complexo. Porque infelizmente a sociedade em que a gente vive é muito conservadora e a escola representa essa fase da sociedade (...).” (Docente 4, Escola Pública)

Outro fator-problema que o Docente 2 apontou foi sobre a falta de tempo para ministrar aulas com devida qualidade e abrangência que principalmente a sexualidade requer.

“Em relação à sexualidade, é muito difícil trabalhar com o tempo que a gente tem em sala de aula, uma aula por semana que dos cinquenta minutos a gente pode contar com meia hora. Então fica muito superficial mesmo, porque exige uma profundidade maior, porque do gênero a gente até consegue fazer uma desconstrução mais rápida, mas na sexualidade exige um pouco mais, porque têm trans, travestis, lésbicas, e o homem que é homossexual. Então você tem que ter tempo pra explicar tudo isso. Orientação sexual, aí o pessoal fala opção sexual, então são termos difíceis que não tem tempo pra explicar.” (Docente 2, Escola Pública)

O Docente 2, como apontou acima, tem dificuldades ao tratar do tema pois tem pouco tempo em sala de aula, e mais do que isso, docentes de escolas estaduais não têm dedicação exclusiva para desenvolver projetos e atividades extracurriculares, além de trabalharem em várias escolas com muitas turmas. Já a Docente 1, que leciona em escola privada, nos contou um pouco de algumas de suas experiências pedagógicas em que busca trabalhar as questões de gênero e sexualidade.

É necessário que discutamos três pontos: primeiro, a metodologia de ensino utilizada pela professora; segundo, a integração entre o papel de docente de sociologia e de cientista social e terceiro a importância do ENEM na consolidação da disciplina no ensino médio. O relato da Docente 1 deixa essa necessidade ainda mais nítida:

Há dois anos eu pauto um projeto na sociologia no 3º ano, buscando intensificar esses assuntos. Até porque o ENEM tem trazido muito isso nos últimos tempos, respalda o trabalho do sociólogo dentro da sala de aula [...]. Então, é uma pesquisa de campo, eu trabalho com eles metodologia e alguns textos mais críticos sobre o assunto. Então, eu dou as aulas normal e aí paralelamente a gente

vai trabalhando a pesquisa. Inclusive esse ano o tema é homossexualidade associado ao conservadorismo, eles pautaram trabalhar essa questão. [...] Então, eu acho que toda vez que o ENEM vem trazendo esses temas a gente ganha possibilidades pra crescer mais com a disciplina em sala de aula: “olha, a sociologia é aplicável, vocês tem que entenderem que ela está ali na sua vivência”, pra mostrar que esse processo é relevante, que entender a sociedade cientificamente, criticamente é importante e não tá tão distante. Então eles estão entendendo a tal da imaginação sociológica a partir do que eles mesmo pesquisam em campo [...]. Mas eu reconheço que não é uma realidade comum, tem que escola que barra esses temas [...]. Mas é legal, e eles começam a ver e veem os valores, o que é respeitar uma minoria, do que é ser e fazer parte de uma minoria. A ideia da cura gay, eles tiraram isso da cabeça, e estava na cabeça deles que existia uma cura, e foram fazer o trabalho e perceberam que essa coisa de cura gay não faz menor sentido, eles começam a se sensibilizar e a entender. (Docente 1, Escola Privada)

Em primeiro lugar, o projeto desenvolvido pela professora é uma pesquisa, pois engloba a construção de um objeto e problema, um embasamento teórico e uma metodologia. A utilização de uma pesquisa enquanto abordagem pedagógica da Sociologia no Ensino Médio demonstra um modo de discutir temáticas de forma ampla, investigativa e prática, pois propicia, por exemplo, processos de reflexão pela própria pessoa que realiza a pesquisa, no caso as/os estudantes. Experiências pedagógicas como essa tendem a dar mais autonomia para o pensamento crítico da/o estudante, pois a/o mesma/o adquire conhecimento empiricamente acerca do tema abordado. Cabe ressaltar que essa é uma experiência pedagógica que seria ideal, por exemplo, para o Docente 2, que relatou a dificuldade em trabalhar a questão da sexualidade com apenas uma aula semanal

Podemos notar como segundo ponto que, através do projeto que essa entrevistada realiza, é possível conhecer o resultado da integração de atividades que à primeira vista são tidas como de bacharéis (pesquisar) e licenciadas/os (ministrar aula). A integração efetiva entre bacharelado e licenciatura (Moraes, 2003) pode auxiliar na consolidação da disciplina no ensino médio, pois articula ensino e pesquisa e tornando as aulas mais práticas e didáticas. Além disso, essa associação nos auxilia a compreender que “licenciatura não é só dar aula”, mas também compreender e desenvolver um olhar investigativo sobre o que ocorre na escola, atualizar conteúdos programáticos e elaborar novas metodologias (Bittencourt e Rodrigues, 2015).

Por último, percebemos a fundamental importância do ENEM para que tenhamos êxito no processo de legitimação da Sociologia no ensino básico. O Exame Nacional do Ensino Médio tem como proposta uma maior interdisciplinaridade e con-

textualização com as atualidades. De acordo com Meucci (2015), na prova do ENEM

“a matriz da área das Ciências Humanas propõe que estudantes articulam os processos históricos, tecnológicos e geográficos, além dos processos identitários individuais, sob a perspectiva de que são fenômenos socialmente condicionados e condicionantes. A Sociologia, como conteúdo das Ciências Sociais – incluindo, portanto, contribuições da Ciência Política e Antropologia –, parece indispensável para essa articulação.” (MEUCCI, 2015, p. 258)

Outra questão que acreditamos essencial na investigação de experiências pedagógicas são os materiais didáticos, logo, o roteiro de entrevista trouxe como última questão se os livros didáticos abordam as temáticas de gênero e sexualidade e de qual maneira. Partimos do pressuposto da autoridade e do auxílio que o livro didático exerce na vivência escolar de docentes e estudantes. As/os Docentes 1, 2 e 3 reconhecem os livros didáticos com os quais trabalham como satisfatórios com relação aos temas. Apenas o Docente 4 vê o material que trabalha como insuficiente quando se diz respeito ao diálogo com gênero e sexualidade, mas entende a importância do livro em nortear a atuação docente:

“O livro que hoje a gente usa na escola trabalha pouco essa questão e isso até limita nossa atuação né? Porque o livro acaba que é o principal material de apoio que os alunos tem, e quando o conteúdo não tá presente no livro ele limita a ação do professor.” (Docente 4, Escola Pública)

A Docente 1 aponta que o material didático trabalha as temáticas para além da sociologia, cruzando com outras disciplinas:

“No livro de sociologia aparece os temas das minorias, tem capítulos específicos para falar dos direitos sociais, dos movimentos sociais. O material da rede é muito bom nesse sentido, não aparece só em sociologia, aparece esse tema tangenciando nas áreas de literatura, português, história. Então dentro da sociologia aparece e é pra gente abordar.” (Docente 1, Escola Privada)

Portanto, entendemos que o livro didático é um dos meios mais importantes para embasar os conteúdos e a prática docente, sobretudo quando estamos tratando de temas que circundam um tabu e que são, por isso, muitas vezes omitidos. Porém, conforme a resposta de um dos nossos entrevistados, existem livros didáticos de Sociologia que não abarcam gênero e sexualidade de forma efetiva. Essa dificuldade no campo da Sociologia também está relacionada à intermitência da presença da disciplina no ensino médio. Conforme Moraes (2003) os materiais didáticos e os conteúdos programáticos só podem consolidar-se de modo eficaz com a jun-

ção de duas iniciativas: o reconhecimento da área de pesquisa em Ensino de Sociologia e uma integração maior entre bacharelado e licenciatura.

Considerações Finais

Após analisar as concepções de docentes sobre o Ensino de Sociologia no Ensino Médio, no que se refere ao diálogo com as temáticas de gênero e sexualidade, no caso de Viçosa/MG, podemos trazer alguns apontamentos sobre a formação docente, as experiências pedagógicas e a emergência dessas temáticas no contexto escolar.

Conforme a nossa análise, a discussão dessas temáticas no ensino de sociologia ocorre com certas dificuldades devido a no mínimo três fatores. Em primeiro lugar, devido a uma formação docente (acadêmica e complementar) que não abarca de forma concisa e prática as temáticas de gênero e sexualidade. Em segundo, a desvalorização da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, com apenas uma aula semanal, fazendo com que docentes sejam responsáveis por várias turmas e que acabam cumprindo o currículo com prazos apertados. E, por último, a abordagem proposta (ou até mesmo omitida) pelos livros didáticos pode se apresentar como mais um fator que cria limites para o trabalho docente sobre estes temas.

Assim, nas falas das/os docentes entrevistadas/os constatamos que, de fato, a formação acadêmica no Curso de Ciências Sociais da UFV trata, por um lado, os temas de gênero e sexualidade de maneira superficial e que, em algumas exceções, esses são pautados em disciplinas optativas. Por outro lado, conforme nos relataram, a realização de atividades complementares, isto é, de minicursos, participação em movimentos sociais, seminários e outros, auxiliaram as/os docentes a conseguirem abordar esses temas em sala de aula. Esse fato pode nos mostrar que, para além de essas atividades complementares serem extremamente importantes na formação de cientistas sociais, há, ao mesmo tempo, um aprisionamento dessas temáticas ao campo das atividades complementares, o que acaba por defasar o aprendizado teórico dessas temáticas quando pensamos as disciplinas universitárias enquanto um dos espaços de formação da/do cientista social. É necessário nos questionar, ainda, de que forma a universidade pode ser um local que fornece programas de formação continuada para as/os professoras/es já formadas/os.

Outra questão essencial que avistamos, ao analisar as concepções das/dos docentes, foi a dificuldade de a/o docente de Sociologia conseguir abranger em apenas uma aula semanal a complexidade dos temas que são responsáveis por trabalhar com estudantes. Constatamos também que, no caso de Viçosa, há uma diferença no cenário da escola privada e das escolas estaduais, pois as/os docentes de escolas públicas estaduais não têm dedicação exclusiva para se debruçar em projetos e atividades extracurriculares como acontece com a docente de escola privada que participou da pesquisa. É importante citar, neste contexto, a importância do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) enquanto ferra-

menta para a consolidação e legitimação da disciplina no Ensino Médio, na medida em que oferece direções nas quais as escolas podem se ancorar.

O discurso a respeito de gênero e sexualidade na concepção das/os participantes dessa pesquisa demonstra, sobretudo, a necessidade de compreensão desvinculada do senso comum que a Sociologia disponibiliza, pois esses temas, conforme discutimos, habitam uma esfera moral da sociedade. Dessa forma, compreendemos que, para que o ensino da Sociologia seja eficiente ao tratar dessas temáticas, é importante uma formação docente que favoreça o reconhecimento do gênero e da sexualidade en-

quanto marcadores sociais das diferenças. Diferenças essas que são, frequentemente, traduzidas na produção de desigualdades sociais.

O ensino das temáticas de sexualidade e gênero nas aulas de Sociologia do Ensino Médio, assim, deve ter como intuito desenvolver um olhar que seja capaz de dialogar e questionar preconceções obtidas através das experiências do indivíduo, e fazê-lo compreender que é justamente a partir delas que nasce a violência e a desigualdade social que é propagada por toda a sociedade através da tradição, da cultura e dos “costumes”.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Silvana Maria; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. (2015), “Eu quero ser professor de Sociologia: as influências da Sociologia no ensino médio em Cuiabá (MT)”. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, 51, 3: 301-308.

BRASIL, 2ª Versão da Base Nacional Curricular Comum. Brasília, Ministério da Educação. (2015). Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em 10 de março de 2017.

BUTLER, Judith. (1990). *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, Chapman & Hall.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. (2015). “Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas”. *Ciênc. educ. (Bauru) [online]*, 21, 4: I-IV. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132015004.0001>>. Acesso em 13 de março de 2017.

DATA ESCOLA BRASIL. Disponível em <<http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/>>. Acesso em 10 de março de 2017.

DAYRELL, Juarez. (2007). “A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”. *Educ. Soc.*, 28, 100 – Especial: 1105-1128.

FREIRE, Paulo. (1996). “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.” São Paulo: Paz e Terra.

GRUPO GAY DA BAHIA. (2015). “RELATÓRIO 2015: Assassinatos de LGBT no Brasil.” Salvador, Ggb, Disponível em <<http://pt.calameo.com/read/0046502188e8a65b8c3e2>>. Acesso em 10 de março de 2017.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral & BRANCO, Ângela Uchoa. (2015), “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professoras/as”. *Temas psicol.*, 23, 3: 577-591. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-05>>. Acesso em 11 de março de 2017.

MARIANO, Silvana Aparecida; PIZZI, Maria Letícia; SCHMIDT, Natália Taiza; SILVA, Samira do Prado; GARCIA, Lucélia dos Santos. (2012). “Conceituando gênero, conjunturas familiares e homofobia para uso da sociologia no ensino médio”. *Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL*, 1, p. 1-21. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/lordf.%20Edicao.%20Artigo%20MARIANO%20S.%20A.%20et%20al.pdf>>. Acesso em 10 de março de 2017.

MEUCCI, Simone. (2015), “Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente”. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, 51, 3, p. 251-260.

MORAES, Amaury Cesar. (2003). “Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato”. *Tempo soc.[online]*, 15, 1, p. 5-20.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. (2015), “Disputas curriculares: o que ensinar de sociologia no ensino médio?”. *Ciências Sociais Unisinos*, 51, 3, p. 261-267.

SCOTT, Joan. (1995), “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, 20, 2, p.71-99.

VIANNA, Cláudia Pereira. (2015), “O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios”. *Educ. Pesqui.*, 41, 3, p. 791-806. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015031914>>. Acesso em 12 de março de 2017.

WASELFISZ, Julio Hacobo (2015), Mapa da violência 2015. Homicídios de Mulheres no Brasil. Brasília: Flacso. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 11 de março de 2017.

YIN, Robert K. (2016). “Pesquisa qualitativa do início ao fim.” Tradutor: Daniel Bueno. Porto Alegre, Penso.

Número de matrículas de Ensino Médio em Viçosa/MG.

ESCOLA	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	NÚMERO DE MATRÍCULAS ENSINO MÉDIO
Escola 1	ESTADUAL	171
Escola 2	ESTADUAL	808
Escola 3	ESTADUAL	464
Escola 4	ESTADUAL	105
Escola 5	ESTADUAL	185
Escola 6	ESTADUAL	310
Escola 7	FEDERAL	482
Escola 8	PRIVADA	64
Escola 9	PRIVADA	360
Escola 10	PRIVADA	61
Escola 11	PRIVADA	226
Escola 12	PRIVADA	54
Escola 13	PRIVADA	113
Total Escolas Públicas		2526
Total Escolas Privadas		878
Total geral		3404

Fonte: Censo Escolar 2014. INEP. (www.dataescolabrasil.inep.gov.br)

Anexo II

Roteiro de entrevista
<ul style="list-style-type: none"> - Nome: - Idade: - Gênero: - Sexualidade: - Graduação/Ano:
<ol style="list-style-type: none"> 1. O que você pensa sobre o ensino de gênero e sexualidade sendo professor/a de sociologia? 2. Durante sua formação acadêmica você teve contato com esses temas? Se sim, onde? 3. Você teve formação complementar para esse assunto? 4. No ambiente da escola, você percebe esses temas por parte de estudantes, professores/as, funcionários/as? 5. Como você trabalha isso durante as aulas de sociologia? 6. Nos materiais didáticos para Sociologia as temáticas de gênero e sexualidade aparecem?